



AS PRINCIPAIS DOENÇAS E TRANSTORNOS QUE ACOMETEM A SAÚDE DOS PROFESSORES

THE MAIN DISEASES AND DISORDERS AFFECTING THE HEALTH OF TEACHERS

Adilson de Souza Borges¹, Adriana Richit²

¹Pós-Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim (RS), Brasil; Acadêmico de Medicina da Universidade do Contestado, Concórdia (SC), Brasil; ²Docente, Classe D, nível Associado, da Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim (RS), Brasil; Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

***Autor correspondente:**
Adilson de Souza Borges –
Email: adilsonsb@hotmail.com

Recebido: 04 fev. 2025

Aceito: 29 mar. 2025

Editores-chefes: Dr. Leonardo Pestillo de Oliveira e Dr. Mateus Dias Antunes

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.



RESUMO: O objetivo foi investigar as principais doenças/transtornos que acometem a saúde dos professores do município de Concórdia/SC, que trabalham em duas escolas públicas municipais de Ensino Fundamental. Trata-se de um estudo de abordagem quanti-qualitativa, com dados constituídos por meio de um questionário *online*, aplicado aos professores. Apontam que as principais doenças que acometem a saúde dos professores são: estresse, insônia, ansiedade, nervosismo, dificuldades para pensar com clareza, queda de cabelo, depressão, dores crônicas (na cabeça, na coluna, nos membros e nas articulações), problemas gastrointestinais (má digestão, gastrite e refluxo), distúrbios vocais (rouquidão e perda de voz), diabetes, hipertensão, alergias, colesterol, infecções respiratórias, epicondilitis, osteoporose, hipertireoidismo e hipotireoidismo, câncer de colo de útero, formigamento nas mãos, lesão articular e lesão por esforços repetitivos (LER), tremores, distúrbios nutricionais (hipocalcemia e deficiência de ferro) e doenças do sistema circulatório. Conclui-se que essas doenças obrigam aos professores a redução da frequência ao trabalho, através de atestados médicos e de licenças de saúde, apesar de alguns optarem por trabalhar doente.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde dos professores; Trabalho docente; Doenças dos professores; Saúde.

ABSTRACT: The objective of this study was to investigate the main diseases and disorders affecting the health of teachers in the municipality of Concórdia, Santa Catarina, Brazil, who work in two public elementary schools. This was a study with a mixed quantitative-qualitative approach, in which data were collected through an online questionnaire administered to teachers. The results indicated that the main health conditions affecting teachers included stress, insomnia, anxiety, nervousness, difficulty thinking clearly, hair loss, depression, chronic pain (headache, spinal, limb, and joint pain), gastrointestinal problems (poor digestion, gastritis, and reflux), vocal disorders (hoarseness and loss of voice), diabetes, hypertension, allergies, hypercholesterolemia, respiratory infections, epicondylitis, osteoporosis, hyperthyroidism and hypothyroidism, cervical cancer, tingling in the hands, joint injuries, repetitive strain injury (RSI), tremors, nutritional disorders (hypocalcemia and iron deficiency), and diseases of the circulatory system. It is concluded that these health conditions lead to reduced work attendance among teachers due to medical certificates and health-related leave, although some choose to continue working even while ill.

KEYWORDS: Teacher health; Teaching work; Teacher diseases; Health.

INTRODUÇÃO

O trabalho docente é uma atividade profissional bastante estressante que pode impactar na qualidade de vida e na saúde dos professores. A docência envolve a seleção e o desenvolvimento de conteúdos curriculares e estratégias pedagógicas, a concretização e a avaliação do ensino em sala de aula, a consolidação de objetivos educacionais gerais e específicos, a promoção da aprendizagem discente¹ e a gestão das condições de trabalho, assim como pressupõe a mediação de conflitos, enfrentamento das dificuldades/limitações de aprendizagem dos alunos, enfrentamento da vulnerabilidade social, superação de desafios estruturais e pedagógicos, entre outros. As situações cotidianas e, às vezes, extremas que perpassam a rotina escolar, principalmente as situações/rotina de sala de aula, constituem objeto/temática de pesquisa em distintos campos do conhecimento, baseadas em abordagens teórico-metodológicas diversas^{2,3,4,5}. Dessa forma, a literatura da área reporta que o trabalho docente figura como um dos principais determinantes na saúde dos professores.

Nessa perspectiva, o trabalho docente caracteriza-se como uma atividade bastante desgastante e possui forte potencial de acometer a saúde dos professores, estando diretamente relacionado com a saúde ou o adoecimento dos profissionais da educação. Os intervenientes na saúde estão relacionados à rotina estressante de ensino em sala de aula, à indisciplina dos alunos, à falta de estrutura de trabalho, à elevada carga horária de jornada semanal, à pressão por resultados na aprendizagem dos alunos, à mediação de conflitos, à desvalorização docente, aos desafios do entorno escolar, aos problemas de infraestrutura das instituições educativas, etc^{2,3,5}. Esses são alguns dos desafios materiais e concretos, aos quais os professores das escolas públicas brasileiras estão submetidos e que têm impactado na saúde desses profissionais e, também, no trabalho realizado no espaço escolar.

Pesquisas apontam que, dentre as principais doenças resultantes do dia a dia em sala de aula e na escola, destacam-se as doenças mentais e emocionais, tais como, a depressão, a ansiedade, o nervosismo, a síndrome de Burnout e a insônia^{3,5}. Além disso, as doenças cardiovasculares, como por exemplo, a hipertensão, os tremores, a faringite, as dores crônicas, a fadiga, o esgotamento físico e as alergias também são doenças que possuem bastante incidência entre professores^{2,3,5}.

Pesquisas sobre a saúde dos professores, no contexto do trabalho docente, são muito importantes para a melhoria da qualidade de vida desses profissionais^{2,3,5}, bem como da qualidade do ensino promovido em sala de aula, considerando que a saúde, conjuntamente com a formação profissional, é elemento fundamental que está diretamente relacionado com algumas capacidades, tais como: a reflexiva, de ensinar, de resolução de problemas, de mediar as relações, de compreensão, de raciocínio, de administrar a aula, as atividades e os conflitos, de compreender os alunos etc. Em outras palavras, se a saúde do professor estiver debilitada, essas capacidades podem ser comprometidas, em menor ou maior grau³, interferindo diretamente no trabalho realizado.

De um modo geral, a saúde é o estado de bem-estar físico, mental e social do indivíduo não se resume, somente, a ausência de doenças⁶ (BRASIL, 2024). Nesse sentido, o conceito de saúde possui, ao mesmo tempo, alto grau de objetividade e de subjetividade, na medida em que os indivíduos e a sociedade consideram ter ou não saúde, com base em referências de valores que atribuem a uma situação e/ou contexto. Portanto, o conceito de saúde é uma construção de cada indivíduo e da coletividade, ao longo da existência⁶.

Com base no exposto, considera-se que a compreensão sobre o que significa saúde, como também sobre a saúde dos professores, constitui recurso fundamental na promoção da saúde dos professores e de melhorias nas condições do trabalho docente. Nessa perspectiva, este artigo tem como objetivo principal compreender quais são as principais doenças/transtornos que acometem a saúde dos

professores do município de Concórdia/SC, que trabalham em duas escolas públicas municipais de Ensino Fundamental.

MÉTODOS

O artigo, de abordagem quanti-qualitativa, investigou as principais doenças/transtornos que acometem a saúde dos professores do município de Concórdia/SC, focando especificamente os professores que trabalham em duas escolas públicas municipais de Ensino Fundamental. Para tanto, o material empírico foi constituído por meio de um questionário aplicado aos professores, no contexto de uma atividade pedagógica desenvolvida por gestores em comemoração ao Dia dos Professores, no dia 15/10/2024 em horário/dia letivo. O questionário foi aplicado aos professores individualmente e respondido *online*.

Todos os professores que participaram da pesquisa consentiram a participação formalizando o aceite através da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). É importante evidenciar que a pesquisa possui Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE), sendo aprovada pelo Conselho de Ética e Pesquisa (CEP/UFS), sob o número 45026621.6.0000.5564. A realização da assinatura do TCLE foi pré-requisito para que os professores participassem da pesquisa e iniciassem a realização do questionário *online*.

Relativamente à pesquisa quantitativa, pode ser caracterizada como um método de estudo que procura analisar dados numéricos utilizados para calcular variáveis e, deste modo, os números aparecem em primeiro plano⁷. Nessa abordagem de pesquisa, são utilizadas diferentes técnicas quantitativas, predominando o raciocínio lógico na análise de dados. Por sua vez, a pesquisa qualitativa caracteriza-se por ser uma abordagem apropriada ao mundo dos significados, considerando que esse nível de realidade necessita ser interpretado pelos pesquisadores. Deste modo, a abordagem qualitativa se adequa aos estudos científicos de análise de documentos e de discursos⁷.

Os dados do estudo foram constituídos através de um questionário (*online*), organizado em assuntos/tópicos relacionados à saúde dos professores e aos objetivos da pesquisa, isto é, "Termo de Consentimento Livre e Esclarecido", "Dados Gerais e Identificação Pessoal", "Sobre a sua saúde", "Sobre o seu estilo de vida" e "Sobre a sua motivação/desmotivação profissional".

A análise de dados centrou nos dados gerais do segundo tópico estruturador do questionário e os dados sobre a saúde dos professores (3º tópico), segundo o objetivo/delimitação deste artigo.

Por fim, esclarecemos que apesar de o grupo de professores participantes da pesquisa constituir o quadro docente de duas escolas públicas municipais – pré-definidas para a abordagem da investigação –, eles também atuam, concomitantemente, em outras escolas do município (municipais e estaduais), em escolas centrais e periféricas. Além disso, os dados apontam que 57,6% dos professores possuem vínculo empregatício em regime de contrato temporário, isso significa que a cada ano eles mudam (ou podem mudar) de escola. Desse modo, os resultados emergentes desta pesquisa representam um recorte de um grupo de professores que trabalham nas escolas municipais no município de Concórdia/SC.

RESULTADOS

Participaram da pesquisa 59 professores, entre os quais, 88,1% mulheres e 11,9% homens. Destes, 57,6% possuem vínculo de trabalho estável por meio de concurso público e 42,4% possuem

vínculo empregatício através de contrato temporário, sendo que: 78% dos professores trabalham uma carga horária de 40 horas semanais; 11,9% trabalham 20 horas semanais; 6,8% trabalham 60 horas semanais; 1,69% trabalham 50 horas semanais; e 1,69% trabalham 30 horas semanais. Além disso, 42,4% dos professores trabalham em mais de uma escola e 11,9% realizam outra atividade remunerada como complemento salarial. Todos os professores são formados em nível superior, sendo que 37,28% são pós-graduados em nível especialização lato sensu, 1,69% são mestres e 1,69% são doutores.

De acordo com os dados levantados, 15,3% dos professores apresentam um pouco de tremor nos membros do corpo e 3,4% apresentam tremores extremos. Os tremores são localizados nos membros superiores (nas mãos e nos braços), nos membros inferiores (principalmente nas pernas), nas pálpebras dos olhos e em outras regiões do corpo. Alguns professores relataram o uso de medicamentos específicos para controlar esses tremores.

No que se refere aos sintomas de má digestão, 22% dos professores apresentam tais problemas com bastante frequência; 23,7% com pouca frequência; 8,5% com muito pouca frequência e 1,69% possuem frequência extrema de má digestão. Além disso, os professores sofrem de problemas relacionados à perda de voz, como à rouquidão e à dificuldade para falar, sendo que 3,4% apresentam sofrimento extremo, 33,9% sofrem bastante, 23,7% sofrem pouco, 15,3% sofrem muito pouco e apenas 23,7% não sofrem com problemas relacionados à perda de voz.

Os professores apontaram que se sentem nervosos, sendo que: 44,1% se sentem bastante nervosos; 5,1% são extremamente nervosos; e 30,5% se consideram um pouco nervosos. Destes, 84,74% dos professores consideram que o nervosismo é resultado dos desafios do trabalho no âmbito da sala de aula e também dos demais desafios no contexto escolar. Nesse sentido, quase metade dos professores participantes manifestaram que estavam depressivos no momento da pesquisa, sendo que 11,9% (7 professores) estavam bastante depressivos, 15,3% (9 professores) estavam pouco depressivos, 22% (13 professores) estavam muito pouco depressivos e somente 50,8% (30 professores) apontaram que não estavam depressivos. Ademais, uma parcela dos professores relatou ter dificuldades para pensar com clareza, sendo que 20,3% têm bastante dificuldade, 30,5% têm pouca dificuldade e 20,3% têm muita pouca dificuldade de pensar com clareza.

Os dados apontam que 42,4% dos professores (25 professores de 59) se ausentaram do trabalho por licença de saúde para o tratamento de doenças de sua própria saúde e 28,8% já desenvolveram doenças resultantes do trabalho docente. Além do mais, 69,5% dos professores precisaram realizar algum tipo de cirurgia, dentre elas: retirada de tumor, cesariana, cirurgia no joelho, bariátrica (e abdominoplastia com lipoaspiração), retirada de safena, reconstrução de ligamento cruzado anterior do joelho (direito), cirurgia de visão, laqueadura (na cesariana), cirurgia nos ossos, retirada de vesícula, retirada de útero, cirurgia no aparelho auditivo, colocação de parafuso no pé por lesão no nervo, histerectomia, cirurgia no apêndice e no côndilo, custo sinovial do punho, mastoplastia, retirada das amígdalas, retirada de trompa uterina, cirurgia de varizes e joanetes e cirurgia no fêmur.

Sobre os tratamentos de saúde já realizados pelos professores na rede de ensino de Concórdia, no contexto de suas trajetórias profissionais, destacam-se os tratamentos para o(a): diabetes ou glicemia alta (8,5%), hipertensão/pressão alta (23,7%), alergias (18,6%), regulação hormonal (13,6%), estresse/ansiedade (13,6%), depressão e outros transtornos comportamentais/saúde (11,9%), dores/doenças crônicas (20,3%), voz (16,9%), colesterol alto (11,9%), câncer (3,4%), tumores benignos (3,4%), asma ou outras doenças respiratórias (18,6%), perda auditiva (5,1%), distúrbios osteomusculares (1,69%), coluna (11,9%), infecções urinárias (10,2%), infecções respiratórias (22%), doenças cardiovasculares (3,4%), gastrointestinal (16,9%), queda de cabelo (16,9%) e outro tipo de tratamento (20,3%).

No momento da pesquisa, 27,1% dos professores (16 pessoas) manifestaram que estavam com algum sintoma de doença. Os sintomas eram: ansiedade (12,5%), dor nas articulações (6,25%), dificuldades para respirar (6,25%), dor de cabeça e enxaqueca (12,5%), dores nos braços (12,5%), perda de voz (6,25%), tontura e mal-estar (6,25%), epicondilite (6,25%), dor na coluna (6,25%), cansaço físico e mental (6,25%) e dores nas pernas (6,25%). Ainda, 23,7% (14 professores) estavam doentes no momento da pesquisa, com ansiedade (28,57%), hipertensão (21,42%), refluxo (7,14%), osteoporose (7,14%), hipertireoidismo e hipotireoidismo (14,28%), obesidade (7,14%), problemas na voz (7,14%), deficiência de ferro (7,14%), diabetes (7,14%) e enxaqueca (7,14%).

Sobre o uso de medicamentos, os professores evidenciaram que devido os desafios da atividade profissional necessitam fazer uso de medicamentos, sendo que 6,8% fazem uso extremo de medicamentos, 10,2% fazem bastante uso, 11,9% fazem pouco uso e 8,5% fazem muito pouco uso de medicamentos. Desta forma, 62,7% apontam que não precisam fazer uso de medicamentos. A imagem a seguir ilustra esse aspecto.

Devido os desafios do trabalho docente, você faz uso de medicamentos para sentir-se melhor?
59 respostas

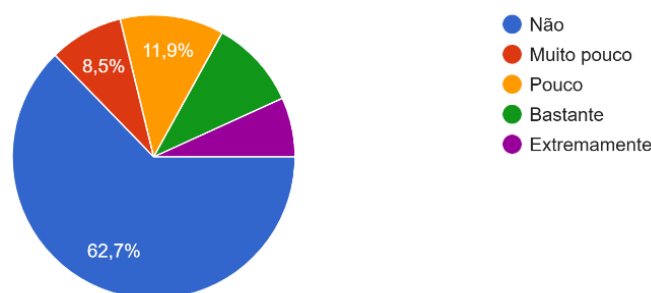


Figura 1. Medicamentos usados pelos professores. Fonte: Elaborada pelos autores.

A partir dos dados constituídos, observa-se que 6,8% dos professores (4 professores) consideram que são extremamente dependentes de medicamentos para conseguir trabalhar, 1,69% (1 professor) se considera bastante dependente, 10,2% (6 professores) se consideram pouco dependentes, 8,5% (5 professores) se consideram muito pouco dependentes e 72,9% não se consideram dependentes de medicamentos para conseguir trabalhar. Além disso, os dados informam que 33,9% dos professores participantes faziam uso de medicamentos no momento da pesquisa, conforme imagem a seguir.

Neste momento, você está fazendo uso de medicamentos?

59 respostas

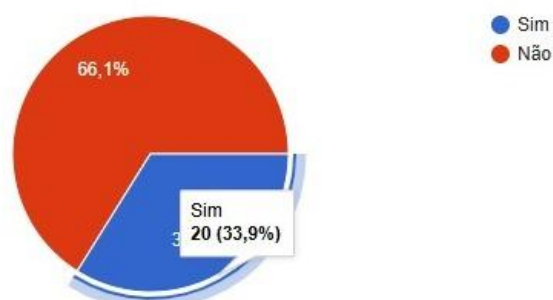


Figura 2. Medicamentos em uso atual. Fonte: Elaborada pelos autores.

Dentre os medicamentos usados pelos professores, destacam-se o(a): Atelop (hipertensão), Sertralina (antidepressivo), Fixa-cal (combate a hipocalcemia), medicamento para refluxo (não soube informar o nome), Aldomet (hipertensão), Escitalopram (antidepressivo), Citalopran (antidepressivo), Vitaminas e sulfato ferroso (suplementos), medicamento para pressão alta (não informado), medicamento para dormir (não informado), Donaren (antidepressivo), medicamento para o controle de pressão (não informado), Duloxetina (dor crônica, ansiedade e depressão), Topiramato (anticonvulsivante - epilepsia e enxaqueca), medicamentos para controlar a pressão (não informados), Diosmina (indicado para circulação sanguínea, antioxidante, anti-inflamatório e anti-edema), Deller 100 mg (antidepressivo), Propranolol para o tremor essencial (anti-hipertensivo), Sertralina (antidepressivo) e as vezes um faixa preta para dormir.

DISCUSSÃO

A análise de dados revelou que as mulheres predominam na profissão docente (88,1%). Assim como em outras regiões do Brasil^{2,4,8}, as mulheres constituem a maioria dos professores que atuam na Educação Básica no país. Dessa forma, os dados sobre a saúde dos professores, constituídos nesta pesquisa, representam, majoritariamente, a saúde das mulheres professoras que trabalham nas escolas municipais do município de Concórdia/SC.

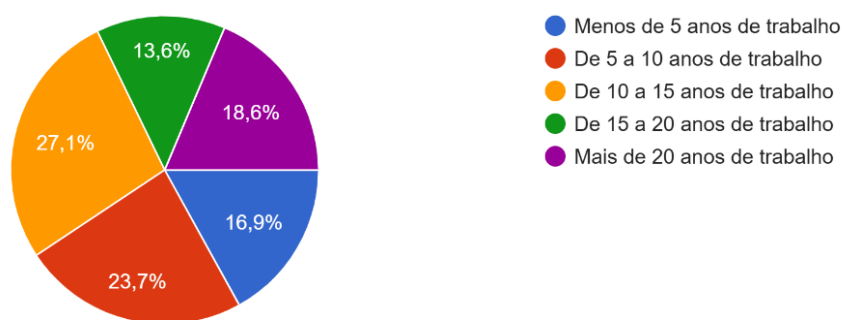
Os dados apontam que 31,9% dos professores sofrem de cefaleia com alto grau de intensidade. Somente 10 professores (de 59 que responderam ao questionário), isto é, 16,9 % desta amostra, não sofrem de dores na região da cabeça. 66,10% dos professores consideram que essas dores estão associadas ao trabalho. Ao realizarmos uma revisão de estudos sobre as doenças que acometem a saúde dos professores da Educação Básica, constatamos que os professores sofrem/vivenciam diferentes dores corporais e agravos à saúde, contudo as dores na região da cabeça não foram predominantes nessas pesquisas^{2,3,4,5,7}, caracterizando, por conseguinte, um transtorno/sensação predominante (e dado original) e emergente neste estudo.

Pesquisas científicas apontam que as dores corporais que os professores sofrem estão diretamente associadas ao trabalho docente^{3,5,8}. Essas dores podem ser agravadas a partir do envelhecimento dos professores, da sobrecarga de trabalho e dos anos de atividade profissional realizada em contextos profissionais muitas vezes estafando e adocedor³. Nesse sentido, os dados apontam que apenas 16,9% dos professores participantes da pesquisa trabalham menos de 5 anos como professor, sendo que: 23,7% de 5 a 10 anos de trabalho; 27,1% de 10 a 15 anos de trabalho; 13,6% de 15 a 20 anos de trabalho; e 18,6% trabalham como professor há mais de 20 anos. Portanto, 83,1% dos professores trabalham há mais de 5 anos e, aproximadamente, 60% trabalham há mais de 10 anos em sala de aula, conforme imagem a seguir.

Os dados do estudo apontam que 18,7% dos professores sofrem de tremores nas mãos, nos braços, nas pernas e nas pálpebras dos olhos, necessitando usar medicamentos para controle desses tremores. Em teoria, os tremores são sintomas que podem ocorrer associadamente a outros sintomas, no contexto de uma síndrome, por exemplo, podendo se relacionar com diferentes infecções ou a transtornos físicos e/ou mentais. Porto (2019)⁹ preconiza que tremores são movimentos alternantes, de pequena ou média amplitude, mais ou menos rápidos e regulares, que afetam, sobretudo, as partes distais dos membros.

Há quantos anos trabalha como professor?

59 respostas

**Figura 3.** Tempo de trabalho docente. Fonte: Elaborada pelos autores.

Relativamente aos sintomas de má digestão, os dados mostraram que 23,69% dos professores possuem bastante ou extrema frequência desse sintoma e 32,2% possuem pouca ou muito pouca frequência. Nesse sentido, é importante ponderar que o exercício do magistério pode causar desgastes físico e mental, uma vez que os professores necessitam enfrentar uma rotina estressante de estudos, de planejamentos de aula, de resolução de conflitos, de exposição a ruídos etc¹⁰. Essa rotina, muitas vezes, pode afetar o sistema digestório, considerando que a digestão/absorção dos alimentos é um processo que envolve (é influenciado), concomitantemente, o sistema nervoso^{9,11}. Contudo, é importante mencionar que os transtornos do aparelho digestivo são complexos e possuem múltiplas etiologias.

Segundo Porto e Porto (2017)¹¹, a má digestão é um sintoma de dispepsia, isto é, uma sensação anormal e subjetiva percebida pelo indivíduo e geralmente vista como uma perturbação hepática. Existem 3 tipos de dispepsia: do tipo refluxo, do tipo úlcera e do tipo dismotilidade, de origem orgânica ou psicogênica (de transtornos emocionais). Diante dessa definição e considerando os dados emergentes deste estudo, é possível/provável que a rotina estressante e desgastante que os professores enfrentam diariamente e ao longo de anos, possa influenciar na sua digestão. Não obstante, não ser possível, a partir de dados levantados/isolados, confirmar tal hipótese sem uma investigação/anamnese mais aprofundada e por profissional qualificado. Portanto, os dados levantados nesta pesquisa são limitados para conclusão etiológica.

Sobre os problemas relacionados à perda de voz (ou rouquidão), os dados confirmaram que é uma doença/alteração que acomete 76,3% dos professores, os quais, 37,3% bastante ou extremamente. Nesse sentido, estes dados corroboram outras investigações que verificaram que a perda de voz ou a rouquidão, são alterações que agravam a saúde dos professores de diferentes regiões do Brasil^{2,3,5,12}.

De um modo geral, os professores usam a voz contínua e intensivamente, todos os dias, para mediar/administrar a rotina de aprendizagem dos alunos em sala de aula. Essa atividade vocal intensa, sem a devida orientação profissional, o uso de exercícios vocais, a lubrificação vocal, a colocação de intensidade e outras particularidades de cada pessoa, tem o potencial de afetar a saúde vocal dos professores. Porto (2019)⁹ preconiza que as laringites e lesões nas cordas vocais são as principais causas de rouquidão e perda de voz.

Os dados evidenciam que os professores se sentem nervosos, sendo que 44,1% se sentem bastante nervosos, 5,1% são extremamente nervosos e 30,5% se consideram um pouco nervosos. Nesse sentido, 84,74% dos professores consideram que o nervosismo é resultado dos desafios do trabalho. Além do mais, boa parte dos professores destacam que estavam depressivos no momento da pesquisa, sendo 11,9% (7 professores) bastante depressivos, 15,3% (9 professores) pouco depressivos, 22% (13 professores)

muito pouco depressivos e somente 50,8% (30 professores) manifestaram que não estavam depressivos no momento da pesquisa. Os professores ainda relataram ter dificuldades para pensar com clareza, sendo que 20,3% têm bastante dificuldade, 30,5% têm pouca dificuldade e 20,3% têm muita pouca dificuldade de pensar com clareza.

Chama atenção o elevado percentual de professores que se sentem nervosos, depressivos e com dificuldades para pensar. Os dados indicam que, de alguma forma, o trabalho docente pode influenciar no desenvolvimento de algumas síndromes. Inclusive, esses transtornos mentais, evidenciados nesta pesquisa, são confirmados também por outros estudos^{2,3,5,10}, que preconizam que, historicamente, o trabalho docente está associado aos transtornos mentais/psíquicos. Dito de outro modo, o trabalho docente, caracterizado por ser uma atividade, sobretudo de esforço mental e de produção intelectual, demanda de muita energia e desgaste mental. Esses desgastes geram impactos na saúde dos professores.

O nervosismo, a depressão, as dificuldades para pensar, assim como o esquecimento, a ansiedade e o estresse são distúrbios consequentes de exaustão extrema e precursores de algumas síndromes relacionadas. Um importante aspecto influenciador desses sinais/sintomas são os conflitos interpessoais do ambiente trabalho. Nesse viés, nossa análise revela que os professores acreditam que a sua saúde é diretamente influenciada pelas relações sociais do ambiente de trabalho. Destes, 18 professores, isto é, 30,5%, acreditam que o ambiente escolar de trabalho influencia “bastante” ou “extremamente” na sua saúde e 45,7% consideram “pouco” ou “muito pouco”. Assim, os dados empíricos levantados ratificam a inferência de que a mediação de conflitos sociais, atividade característica do trabalho docente, principalmente em escolas de periferias, é fator preponderante do adoecimento mental dos professores^{2,3,5}.

Ao encontro, 17% dos professores consideram a escola que atuam e o entorno escolar como um local difícil de trabalhar e 35,6% consideram pouco e muito pouco. No mesmo sentido, 22,1% dos professores consideram a escola e o contexto escolar como um local bastante e/ou extremamente perigoso para o trabalho e 35,5% consideram pouco e/ou muito pouco perigoso, que pode oferecer riscos a integridade física e psicológica. E 23,7% apontam que os conflitos sociais são extremamente e/ou bastante cotidianos em seu trabalho e 40,6% consideram que os conflitos sociais são pouco e/ou muito pouco cotidianos em seu trabalho. Esses achados corroboram a pesquisa de Cálido, Lemos e Rebolo (2021)⁵, que confirmaram que as relações conflituosas e a indisciplina dos alunos figuram entre as principais causas do nervosismo, do estresse ocupacional e da depressão entre os professores.

Portanto, o trabalho docente, de um modo geral, tem o potencial de acentuar esses aspectos emocionais e psicológicos, pelas particularidades já evidenciadas, que são predominantes na profissão. Não obstante os conflitos de trabalho não serem uma exceção da profissão docente, os professores, de um modo geral, convivem diariamente, todos os dias, em ambientes conflituosos e estressantes, ensinando crianças e adolescentes com diferentes graus de dificuldades, cultura e educação, problemas psicológicos, mediando conflitos que, muitas vezes, envolvem diferentes tipos de agressões (verbais, físicas, emocionais) e administrando recursos diversos, muitas vezes limitados e/ou escassos, que prejudicam o seu rendimento profissional. A depender da escola/região onde o professor leciona, os conflitos e demais agentes estressores podem ser potencializados/agravados.

Ao encontro, Cálido, Lemos e Rebolo (2021)⁵ preconizam que, dentre os principais fatores para o adoecimento dos professores, a falta de energia e equilíbrio emocional para administrar os conflitos das relações interpessoais e o mau comportamento dos alunos, destacam-se entre os mais desafiadores. Esse processo pode ser ainda mais fragilizado quando o professor não encontra apoio na equipe pedagógica e gestora escolar.

Os dados também apontam que os professores da rede de ensino público de Concórdia já realizaram/realizam diferentes tratamentos de saúde, no contexto de suas trajetórias profissionais, destacando-se os tratamentos para o(a): diabetes ou glicemia alta (8,5%), hipertensão/pressão alta (23,7%), alergias (18,6%), regulação hormonal (13,6%), estresse/ansiedade (13,6%), depressão e outros transtornos comportamentais/saúde (11,9%), dores/doenças crônicas (20,3%), voz (16,9%), colesterol alto (11,9%), câncer (3,4%), tumores benignos (3,4%), asma ou outras doenças respiratórias (18,6%), perda auditiva (5,1%), distúrbios osteomusculares (1,69%), coluna (11,9%), infecções urinárias (10,2%), infecções respiratórias (22%), doenças cardiovasculares (3,4%), gastrointestinal (16,9%), queda de cabelo (16,9%) e outro tipo de tratamento (20,3%).

Esses dados confirmam que os professores são afetados por várias doenças/transtornos de saúde, predominando a hipertensão, as infecções respiratórias, as dores crônicas, os problemas gastrointestinais, as alergias diversas e problemas relacionados à voz. Corroborando esses aspectos, Cálido, Lemos e Rebolo (2021)⁵ apontam que esses transtornos e doenças são frequentes na profissão docente, especialmente os problemas na pressão arterial, a perda de voz, o estresse e a depressão, a baixa autoestima, as síndromes (como a síndrome de burnout), a angústia, o desânimo etc.

Também, no momento da pesquisa, 27,1% dos professores (16 pessoas) manifestaram que estavam com algum sintoma de doença. Os sintomas eram: ansiedade (12,5%), dor nas articulações (6,25%), dificuldades para respirar (6,25%), dor de cabeça e enxaqueca (12,5%), dores nos braços (12,5%), perda de voz (6,25%), tontura e mal-estar (6,25%), epicondilita (6,25%), dor na coluna (6,25%), cansaço físico e mental (6,25%) e dores nas pernas (6,25%). Ainda, 23,7% (14 professores) estavam com ansiedade (28,57%), hipertensão (21,42%), refluxo (7,14%), osteoporose (7,14%), hipertiroidismo/hipotireoidismo (14,28%), obesidade (7,14%), problemas na voz (7,14%), deficiência de ferro (7,14%), diabetes (7,14%) e enxaqueca (7,14%). Verifica-se, portanto, diferentes quadros psíquicos e físicos, que compõem algumas doenças psicossomáticas já verificáveis em pesquisa com essa temática¹⁰.

Por fim, o estudo destaca que os professores fazem uso de diversos medicamentos. Dentre eles, destacam-se o(a): Atelop (hipertensão), Sertralina (antidepressivo), Fixa-cal (combate a hipocalcemia), medicamento para refluxo (não soube informar o nome), Aldomet (hipertensão), Escitalopram (antidepressivo), Citalopran (antidepressivo), Vitaminas e sulfato ferroso (suplementos), medicamento para pressão alta (não informado), medicamento para dormir (não informado), Donaren (antidepressivo), medicamento para o controle de pressão (não informado), Duloxetina (dor crônica, ansiedade e depressão), Topiramato (anticonvulsivante - epilepsia e enxaqueca), medicamentos para controlar a pressão (não informados), Diosmina (indicado para circulação sanguínea, antioxidante, anti-inflamatório e anti-edema), Deller 100 mg (antidepressivo), Propranolol para o tremor essencial (anti-hipertensivo), Sertralina (antidepressivo) e as vezes um faixa preta para dormir. Os medicamentos estão relacionados conforme as respostas dos professores.

É importante destacar que apesar de os medicamentos serem úteis na cura da doença e/ou alívio de sintomas, eles podem possuir distintos efeitos adversos (indesejados), haja vista que nenhum fármaco é completamente específico em sua ação. Em muitos casos, além do foco específico para a qual foi prescrita, a substância pode afetar outros órgãos ou funções do corpo humano, levando ao aparecimento de efeitos colaterais¹³. Conforme os dados, a maioria dos medicamentos usados pelos professores são antidepressivos e anti-hipertensivos. Esses medicamentos antidepressivos, por exemplo, podem causar insônia, taquicardia e diarreia. Por sua vez, os medicamentos anti-hipertensivos podem causar fadiga, insônia e outras constipações intestinais¹³.

Nessa perspectiva, pelos desafios do trabalho docente, 17% dos professores fazem uso intenso de medicamentos para sentirem-se melhor, 11,9% fazem pouco uso e 8,5% fazem muito pouco uso de

medicamentos. Além do mais, 8,49% consideram que são extremamente/bastante dependentes de medicamentos para conseguir trabalhar e 18,7% se consideram pouco ou muito pouco dependentes de medicamentos para trabalhar. E os dados também apontam que 33,9% dos professores faziam uso de medicamentos no momento da pesquisa, conforme mostrado na imagem a seguir.

Neste momento, você está fazendo uso de medicamentos?

59 respostas

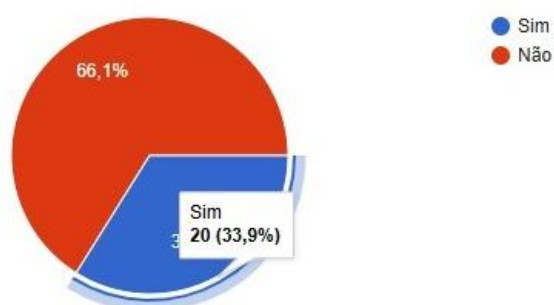


Figura 4. Uso atual de medicamentos entre os professores. Fonte: Elaborada pelos autores.

Portanto, dentre as doenças e transtornos da saúde que acometem os professores de Concórdia/SC, as principais são o(s)/a(as): estresse, insônia, ansiedade, nervosismo, dificuldades para pensar com clareza, queda de cabelo, depressão, dores crônicas (na cabeça, na coluna, nos membros e nas articulações), problemas gastrointestinais (má digestão, gastrite e refluxo), distúrbios vocais (rouquidão e perda de voz), diabetes, hipertensão, alergias, colesterol, infecções respiratórias, epicondilite, osteoporose, hipertireoidismo e hipotireoidismo, câncer de colo de útero, formigamento nas mãos, lesão articular e lesão por esforços repetitivos (LER), tremores, distúrbios nutricionais (hipocalcemia e deficiência de ferro) e doenças do sistema circulatório.

CONCLUSÃO

O artigo, de abordagem quanti-qualitativa, teve o objetivo de compreender quais são as principais doenças/transtornos que acometem a saúde dos professores do município de Concórdia/SC, que trabalham em duas escolas públicas municipais de Ensino Fundamental. Para tal fim, foi elaborado um questionário (*online*) para a coleta de dados e, posteriormente, aplicado aos professores, de modo individual.

A análise de dados revelou que as principais doenças que acometem os professores de Concórdia/SC são: o(s)/a(as): estresse, insônia, ansiedade, nervosismo, dificuldades para pensar com clareza, queda de cabelo, depressão, dores crônicas (na cabeça, na coluna, nos membros e nas articulações), problemas gastrointestinais (má digestão, gastrite e refluxo), distúrbios vocais (rouquidão e perda de voz), diabetes, hipertensão, alergias, colesterol alto, infecções respiratórias, epicondilite, osteoporose, hipertireoidismo e hipotireoidismo, câncer de colo de útero, formigamento nas mãos, lesão articular e lesão por esforços repetitivos (LER), tremores, distúrbios nutricionais (hipocalcemia e deficiência de ferro) e doenças do sistema circulatório.

Portanto, este artigo, corroborando outras pesquisas com temática semelhante, confirma que a saúde dos professores está diretamente associada com as vivências do trabalho docente. A dupla (ou tripla em alguns casos) jornada de trabalho e a sobrecarga horária, o tempo de serviço prestado e o

envelhecimento, os conflitos interpessoais do ambiente escolar e o ambiente em torno da escola (localização da escola), são aspectos principais para a prevalência (ou não) de doenças entre os professores. Outros fatores também podem contribuir para o surgimento de doenças relacionadas ao trabalho, tais como: as demandas institucionais, a desvalorização profissional e o desprestígio, o excesso de tarefas, as dificuldades de relacionamento com os pais, alunos e colegas de trabalho, a alta pressão por desempenho, o baixo nível de controle das tarefas e a desordem em sala de aula, o excesso de ruídos, a hostilidade entre alunos, a infraestrutura escolar inadequada e o excesso de alunos em sala de aula também são fatores agravantes a saúde dos professores³.

Portanto, o trabalho docente, pelo fato de envolver o planejamento, a concretização e a avaliação do ensino em sala de aula, a gestão e a mediação de conflitos, assim como o enfrentamento das dificuldades/limitações de aprendizagem dos alunos, enfrentamento da vulnerabilidade social, superação de desafios estruturais, constitui-se em uma atividade profissional bastante estressante, influenciando a qualidade de vida e a saúde dos professores¹⁴. Nesse sentido, as atividades que são inerentes à docência¹ podem ser limitadas/comprometidas pelas doenças que acometem a saúde dos professores.

Assim, o artigo contribui no sentido de apresentar as principais doenças que acometem a saúde dos professores e confirmar a necessidade do conhecimento do campo da saúde da profissão docente, como uma forma de propor reflexões e melhorias nas condições de trabalho e qualidade de vida dos professores e, concomitantemente, no desenvolvimento da saúde coletiva. Entretanto, pela limitação do material empírico constituído, do objetivo e da metodologia adotada neste estudo, sugerimos o desenvolvimento de novas pesquisas, que possam ampliar/aprofundar o debate aqui levantado.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao CNPq pelo apoio financeiro à realização da pesquisa (Processo: 307153/2023-1), à Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS (PES-2023-0253) e ao FUMDESC/Programa Universidade Gratuita.

REFERÊNCIAS

1. Richit A. Desenvolvimento profissional de professores: um quadro teórico. RSD [Internet]. 2021;10(14):e342101422247. <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/22247>
2. Reis EJFB, Araújo TM, Carvalho FM, Barbalho L, Silva MO. Docência e exaustão emocional. Educ. Soc. (Campinas). 2006;27(94):229-253. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302006000100011>
3. Cortez PA, Souza MVR, Amaral LO, Silva LCA. A saúde docente no trabalho: apontamentos a partir da literatura recente. Cad. Saúde Colet. 2017;25(1):113-122. DOI: 10.1590/1414-462X201700010001
4. Sampaio AA, Stobaus CD, Lima DF, Mazzardo O, Piovani VGS, Both J. Validação do questionário saúde docente para o contexto brasileiro. J. Phys. Educ. 2021;32:1-13. DOI: 10.4025/jphyseduc.v32i1.3228
5. Cálido CM, Lemos MLPP, Rebole F. A saúde dos professores da Educação Básica no Brasil: uma revisão de literatura. Revista Acadêmica Magistro. 2021;1(23):1-21.
6. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Livro: Educação Infantil: Currículo, Formação e Práticas Pedagógicas. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro092.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2024.
7. Flick U. Introdução à metodologia da pesquisa: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013.
8. Reis EJFB, Carvalho FM, Araújo TM, Porto LA, Neto AMS. Trabalho e distúrbios psíquicos em professores da rede municipal de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Cad. Saúde Pública (Rio de Janeiro). 2005;21(5):1480-1490.

9. Porto CC. *Semiologia médica*. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2019.
10. Siqueira BC, Boarini ML. A saúde do professor no cotidiano escolar: uma pesquisa histórica. *Psic. da Ed. (São Paulo)*. 2018;47:39-46.
11. Porto CC, Porto AL. *Exame clínico*. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.
12. Lima MFEM, Lima-Filho DOL. Condições de trabalho e saúde do/a professor/a universitário/a. *Ciência e Cognição*. 2009;14(3):62-82.
13. Rang HP, Ritter JM, Flower RJ, Henderson G. *Rang & Dale Farmacologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2016.
14. Borges AS, Richit A. Correlação entre o estilo de vida e a saúde dos professores. *REVISA*. 2025; 14(1):1369-78. DOI: <https://doi.org/10.36239/revisa.v14.n1.p1369a1378>